



## O ESPAÇO DO NEOLOGISMO EM DIFERENTES CORRENTES LINGUÍSTICAS

THE SPACE OF NEOLOGISM IN DIFFERENT LINGUISTIC CURRENTS

Cecília de Lima Silva (UFAL)<sup>1</sup>  
[cecilia.silva@fale.ufal.br](mailto:cecilia.silva@fale.ufal.br)

Elaine Rodrigues de Souza Silva (UFAL)<sup>2</sup>  
[elaine.souza@fale.ufal.br](mailto:elaine.souza@fale.ufal.br)

Ricardo Soares da Silva (UFAL)<sup>3</sup>  
[rikardo-soares@gmail.com](mailto:rikardo-soares@gmail.com)

**RESUMO:** A ascensão das redes sociais leva os indivíduos a entrar em contato com inúmeras línguas e os leva a criar novos itens lexicais para sua língua materna, o que podemos chamar de neologismos. Os neologismos também podem surgir como uma necessidade para a língua ou manifestação identitária de alguém ou um grupo, como é o caso da dupla kudurista Os Namayer, cujo Príncipe Ouro Negro figura o canal no YouTube “Rei do Kuduro”. Pensando nos neologismos sob vários vieses linguísticos, este trabalho objetiva compreender a “língua do *kudoairo*” enquanto signo linguístico (SAUSSURE, 2012), estabelecendo uma interface com o entendimento gerativista do léxico (FERREIRA, 2021; KENNEDY, 2013) e suas motivações e implicações sociolinguísticas (LABOV, 1990; 2008). Foi observado que o nível de significação dos neologismos do *kudoairo* depende de fatores como o nível de exposição do falante àquela língua e às redes sociais, o que nos leva a pensar na interface entre o *input* e as relações extralingüísticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Neologismo. Língua do *Kudoairo*. Gerativismo. Estruturalismo. Sociolinguística.

**ABSTRACT:** The rise of social media leads individuals to come into contact with numerous languages and leads them to create new lexical items for their mother tongue, which we can call neologisms. Neologisms can also appear as a manifestation of the identity of someone or a group, as is the case of the kudurist duo Os Namayer, whose Príncipe Ouro Negro appears on the YouTube channel “Rei do Kuduro”. Thinking about neologisms under various linguistic biases, this work aims to understand the “language of *kudoairo*” as a linguistic sign (SAUSSURE, 2012), establishing an interface with the generativist understanding of the lexicon (FERREIRA, 2021; KENNEDY, 2013) and its sociolinguistic motivations and implications (LABOV, 1990; 2008). It was observed that the level of meaning of *kudoairo* neologisms depends on factors such as the speaker's level of exposure to that language and to social media, which leads us to think about the interface between *input* and extralinguistic relations.

**KEYWORDS:** Neologism. Kudoairo language. Generativism. Structuralism. Sociolinguistics.

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL/UFAL).

<sup>2</sup> Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL/UFAL).

<sup>3</sup> Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL/UFAL).



## 1. Introdução

O kuduro, a seu modo, se assemelha ao modernismo brasileiro, pois ao mesmo tempo em que deglute a carga eletrônica que vem do estrangeiro, tira de si o ranço colonial do ocidente e deixa à mostra sua essência angolana, mas sem a africanidade estereotipada a qual é esperada por este mesmo olhar ocidental (DOS SANTOS, 2012, *apud* SHERIDAN, 2014). Em síntese,

Kuduro is an electronic music and dance style that developed in Angola through the 1990s. Kuduro music and dance are hybrid styles that draw on local and global influences and filter these sounds and movements through personal and collective experiences, leaving sonic and gestural residues (SHERIDAN, 2014, p 84).

Fala-se no kuduro angolano como um movimento utópico (ALISCH; MAIER, 2019; SHERIDAN, 2014), dado que os artistas, os DJs e os dançarinos kuduristas idealizaram o estilo nos anos 1990 – um período de guerras, repressão e paz ocasional, elementos que o moldaram (*idem*). Este vislumbre de otimismo parece caracterizar, entre outros, Os Namayer, influente dupla kudurista<sup>4</sup> que se tornou âncora do programa de TV "Sempre a subir"<sup>5</sup> (ALISCH; MAIER, 2019) e que ascendeu a popularidade no Brasil graças ao canal do YouTube "Rei do kuduro" (2019), criado por fãs brasileiros e licenciado pelo Príncipe Ouro Negro.

É provável que o *boom* do canal no Brasil e a repercussão do *duo* na Angola tenha se dado por suas singularidades peculiares, seja seus acessórios extravagantes, seja seus cabelos descoloridos ou mesmo sua vestimenta, a qual faz jus aos títulos de Príncipe e Presidente. Porém, há que se destacar aquela que parece ser a maior de suas particularidades: a língua do *kudoairo* (I LOVE KUDURO, 2017).

Esta “língua” se manifesta com padrões sintáticos e semânticos similares aos do português – brasileiro, europeu ou angolano –, mas é notável a alteração fonológica e morfológica de determinadas palavras, o que pode nos levar a pensar em neologismos. A

<sup>4</sup> “kudurista” é o nome atribuído a todo artista do kuduro: cantor, dançarino, DJ.

<sup>5</sup> “Sempre a subir” é inspirado na música de Virgílio Fire, “Angola sempre a subir” (2001).

título de exemplo, o Príncipe Ouro Negro pronuncia “hosmem” ao invés de “homem”, e este aparente neologismo se refere ao mesmo apontamento de “homem”: um ser humano do sexo masculino. Pensando no âmbito lexical,

[...] fosse o léxico uma lista pronta de palavras, como o falante criaria ou formaria neologismos, e de modo tão espontâneo? Faz-se necessário pontuar que, conforme elucida Katamba (1993), “o léxico não é simplesmente uma longa, desestruturada lista de palavras. Não é o caso de que cada palavra em uma língua seja única. Em vez disso, muitas propriedades fonológicas, morfológicas e semânticas são compartilhadas por várias palavras” (KATAMBA, 1993, p. 264 *apud* FERREIRA, 2021, p. 21)

Tendo em vista este compartilhamento de informações no léxico, e pensando nas informações partilhadas entre o léxico do português e os neologismos do *kudoairo*, podemos lançar mão de alguns questionamentos epistemológicos: o que leva os falantes do português brasileiro a entender a nova língua? De um ponto de vista formal, como o *kudoairo* pode ser lido e interpretado? Seria ele gramatical ou falante ainda precisa de um estímulo para comprehendê-lo?

Com base nestes questionamentos, este artigo objetiva analisar a formação do neologismo dentro de duas vertentes da linguística – estruturalismo, gerativismo e sociolinguística –, compreendendo como ambas as searas epistemológicas concebem o processo de neologismo a fim de comparar as duas visões sobre este fenômeno. Para esta tarefa, o trabalho foi dividido nas seguintes seções: Considerações iniciais do trabalho; Neologismo: o que é?, com conceituações sobre o fenômeno; Saussure e o signo, traz um entendimento do neologismo nos estudos estruturalistas; O papel do léxico e o espaço do neologismo na teoria gerativista, uma breve análise do fenômeno em questão no estudo mentalista da linguagem; Neologismo na perspectiva sociolinguística, com uma compreensão de mudanças na língua, e Considerações finais com um balanço das discussões apresentadas.

### **Neologismo: o que é?**

Uma língua natural, com uma comunidade de fala, atenderá ao comportamento de um órgão vivo, se transformando constantemente e trazendo à tona o “novo”. Tal processo é denominado como neologismo, que consiste, basicamente, na introdução do neológico (a novidade) no plano da palavra. É por esse motivo que antes de compreendermos com mais detalhes o conceito de neologismo, é necessário a percepção do que é uma palavra. Para tanto, destacamos aqui a concepção tripartida de Rocha (1998), este adota a definição apresentada por Meillet, define que a “palavra se caracteriza por possuir uma identidade fonética, uma identidade semântica e uma identidade funcional” (ROCHA, 1998, p. 69). A identidade funcional pode ser entendida aqui como relações sintáticas.

Com isso em mente, focaremos agora em alguns conceitos acerca do neologismo. Bechara (2009) aborda o processo em questão como a criação de palavras que apresenta motivos, sejam estes, científicos, culturais ou meramente comunicativos. Nessa perspectiva, o neologismo surge com a finalidade de suprir uma dada necessidade. Para Correia e Almeida (2012) esse fenômeno configura:

[...] uma unidade lexical cuja forma significante ou cuja relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efetivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior do código da língua. (p. 23)

Tal afirmação pressupõe o entendimento de que palavras resgatadas de um período anterior, sem que haja uma modificação no componente morfológico, semântico ou/ou fonológico, não constituem um neologismo, mas apenas um caso de arcaísmo, como determina Bechara (2009), para ser neologismo deve não ter ocorrido em um estágio anterior.

Alves (1994) destaca que o neologismo é algo temporário, ao passo que esta criação perde o *status* de novidade e passa a ser institucionalizado, deixando de ser considerado dentro de uma esfera neológica. Dessa forma, pode ser compreendido como uma fase. Há ainda de se ressaltar o conceito de “novidade”, uma vez que uma dada palavra pode ser nova para um ouvinte (a), que não participa de determinado grupo, enquanto que esta mesma palavra para o ouvinte (b) não é uma construção nova. Com



isso, Correia e Almeida (2012) destacam que devido a subjetividade encontrada nesse fenômeno no âmbito do que é novidade ou não, não é o bastante para uma investigação científica do assunto.

Biderman (1978) faz uma classificação do neologismo em dois grupos: o neologismo conceptual e o neologismo formal. O primeiro diz respeito a um processo de expansão de significado, isto é, neologismos semânticos. O formal, por sua vez, compreende os processos morfológicos de novas palavras. Com base nisso e nos componentes de uma palavra (semântico, morfológico e fonológico), apresentamos a seguir:

**Quadro (1): Português brasileiro vs. o neologismo encontrado no *Kudoairo*.**

PALAVRA NO PORTUGUÊS	PALAVRA NO <i>KUDOAIRO</i>
aniversário	aniverseirio
fogo	fosgo, foaigo
homem	hosmem
isso	iaisso
kudurista	kudaurista
macaco	masqueico/maqueico
não	neum
Jesus	Zesus

Fonte: Produção própria.

O quadro (1) demonstra as modificações encontradas em palavras de base portuguesa utilizadas pelos Namayer. As alterações observadas não se aplicam a um processo de neologismo conceptual, uma vez que não há extensão de significado, se observa apenas uma modificação no plano morfológico com o acréscimo de novas letras ou troca de uma letra por outra, como em *hosmem*, *fosgo*, que introduz o fonema [s], causando também uma modificação sonora. É destacável ainda uma alteração na raiz das palavras como no caso de *masqueico* ou *maqueico* que se refere a um neologismo formal do vocábulo macaco.

Assim, o neologismo pode ser compreendido como a modificação na palavra, seja em um padrão morfológico, fonológico ou/e semântico, sendo, pois, produto desse fenômeno a novidade, o que é inédito à língua. Esse neologismo pode ter uma vida curta ou se institucionalizar na língua, isto é, passar a ser um item dicionarizado, deixando por regra de ser neológico. Por fim, é importante ter em mente que esse é um fenômeno natural das línguas e atenderá às necessidades de seus falantes, seja em um âmbito apenas criativo, de marcação de território/ pertencimento (como as gírias), motivos científicos etc., em todas essas instâncias cumprirá com criação do “novo” na língua. Em seguida abordaremos o neologismo em uma percepção do estruturalista, gerativista e da sociolinguística.

### Saussure e o signo

Dentro do contexto epistemológico, o século XX buscou opor-se, por assim dizer, à linguística histórica produzida e repercutida no século XIX, que se propunha como diacrônica. O expoente da linguística moderna, Ferdinand de Saussure, defende um olhar sincrônico para o estudo da linguagem, mas seu olhar não deseja anular o que é diacrônico: “A explicação sincrônica difere da diacrônica ou histórica por ser estrutural em vez de causal: ela fornece um tipo de resposta diferente à pergunta “Por que as coisas são como são?”” (LYONS, 2018, p.175).



Saindo do campo seminal que foi a instituição da ciência linguística, Saussure foi categórico quanto ao que chamou de *imagem acústica*, uma faceta que atrelada ao conceito forma o signo linguístico (mais tarde esses serão chamados *significante* e *significado*, respectivamente). O nome primário – imagem acústica – pode levar o leitor ao entendimento errôneo de que é um conjunto de fonemas projetados na mente humana.

E porque as palavras da língua são para nós imagens acústicas, cumpre evitar falar dos “fonemas” de que se compõem. Este termo, que implica uma ideia de ação vocal, não pode convir senão à palavra falada, à realização da imagem interior no discurso (idem, p. 106)

Se entendêssemos o signo (ou especificamente o significante) como um conjunto de fonemas, isto é, como algo vinculado ao balbucio, à fala, automaticamente excluiríamos as pessoas surdas: o signo não é uma *palavra*, mas uma entidade psíquica. Todavia, cabe a ressalva de que as reflexões acerca das línguas de sinais ainda não estavam em voga no começo do século XX.

Saussure (2012) também advoga que mesmo o signo não sendo estritamente linear<sup>6</sup> (p. 109), isto não implica a livre escolha dos falantes, dado que a vida do signo linguístico percorre o seio social (p. 147). Em outras palavras, deve-se haver uma espécie de contrato linguístico/social para que o signo linguístico se manifeste em sua plenitude. Um bom exemplo do referido “contrato” é a experiência com línguas não conhecidas previamente: por não haver compreensão ou captura de significados por parte do estrangeiro, o signo não se forma.

Este contrato também se torna palpável quando o leitor se depara com criações neológicas – palavras criadas por um autor para fins literários e estéticos, grosso modo – ou com um idioleto, a citar a língua do *kudoairo*: em ambos os casos, o nível de plenitude do signo variará entre o possível e o impossível, seja pela incompreensão total, seja pela possível associação a palavras pertencente ao repertório do falante.

## O papel do léxico e o espaço para o neologismo na teoria gerativa

<sup>6</sup> Neste estudo, entenderemos a linearidade como homogeneidade do signo.



É sabido que a teoria gerativista, pensada originariamente em meados da década de 1950 por Noam Chomsky, propõe como fonte primordial dos seus estudos a compreensão do conhecimento linguístico interno e inato dos usuários de uma língua. Dentro desta teoria a sintaxe em seu efeito gerativo comporta um significante foco, entretanto, esse componente não é o único que importa, o léxico, como exemplo, desempenha papel fundamental nos processos de representação linguística. Isto posto, traçamos como objetivo desta seção apresentar, de forma concisa, a incumbência do léxico e o possível espaço de neologismos nos estudos gerativistas.

Uma das primeiras coisas que devem ser levadas em consideração é que as línguas não atendem a um padrão desordenado, há regras e sistematicidade. A constituição de um léxico de uma dada língua também apresentará este padrão, apesar de Chomsky concordar com Ferdinand Saussure (1857-1913) acerca da arbitrariedade do léxico, isto é, a associação não regrada entre som e significado. É, dessa forma, a sistematicidade e os conceitos linguísticos encontrados no componente lexical que permitem o estudo dedicado a este composto da linguagem humana, sendo fundamental a compreensão dos processos que o envolve na teoria gerativista. Assim, é destacável que a linguagem atende a um sistema cognitivo específico, que não configura como função a comunicação, de maneira que, para que ocorra troca de informações, esse sistema deve ceder dois tipos de dados a outro sistema cognitivo, o de interfaces. As duas informações fornecidas compõem o par de representações mentais ( $\pi$  e  $\square$ ), estes, por sua vez, correspondem às informações fonéticas e de significado, formando, respectivamente, os sistemas: articulatório-perceptual e conceitual-intencional. Essas duas interfaces estabelecem regras que devem ser seguidas para que cumpra o Princípio de Interpretação Plena<sup>7</sup>.

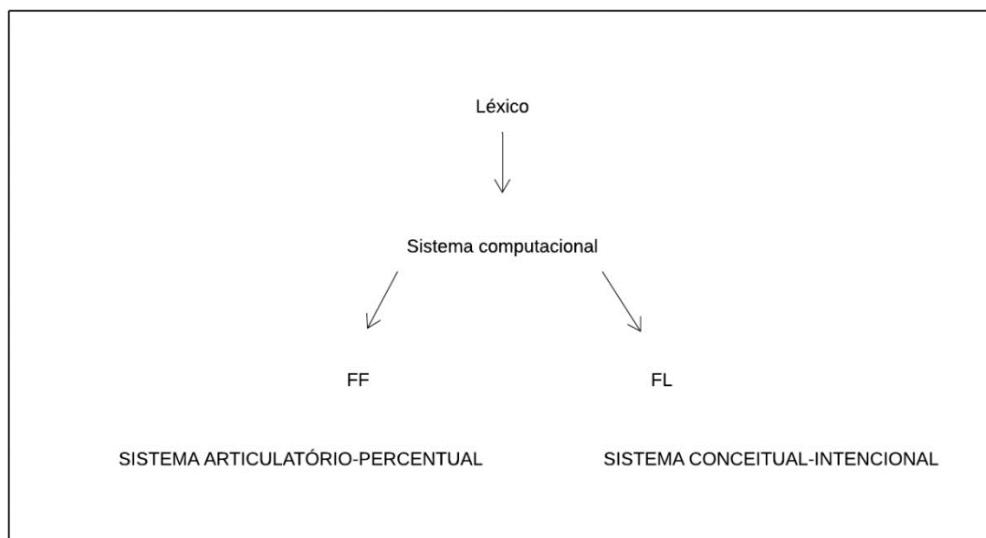
Com base no que foi exposto, a construção das representações linguísticas atende ao processo de derivação, isto é, fenômeno computacional através do qual representações da linguagem humana são construídas e enviadas para as interfaces (KENNEDY, 2013).

<sup>7</sup> Compreende as restrições cognitivas que as interfaces aplicam ao gerenciamento da linguagem humana. (KENNEDY, 2013)

A derivação é realizada de forma processual e tem como primeiro componente o léxico. Este contém todas as informações de som e significado que dão origem às representações citadas. As informações encontradas correspondem aos traços que podem ser identificados como: semânticos, fonológicos e formais, como aponta Kennedy (2013). Os traços semânticos exercem uma relação entre a língua e o sistema conceito-intencional, o fonológico entre o sistema articulatório-perceptual. Nesse sentido, um item lexical como “carro” possui uma forma física de realização [‘kahu] e uma informação de significado [tipo de transporte], todas essas informações vêm do léxico. Há ainda, o traço formal que configura as propriedades como categoria gramatical, flexão, gênero e número.

Todas as informações contidas no léxico, citadas acima, são acessadas pelo sistema computacional e, posteriormente, pelo sistema articulatório-perceptual e articulatório-conceitual.

**Quadro (2): Linguagem, o par ( $\pi$ ,  $\lambda$ ) e os sistemas de interface**



Fonte: Quadro de Kenddy (2013)

Dessa forma, observa-se que apesar do léxico não atender a uma criação dada por meio de princípios e regras, as suas informações são armazenadas de forma sistemática, de maneira a não violar as interfaces necessárias para que o uso linguístico aconteça. Fato



interessante é que o léxico é uma instância de variação, isto é, parâmetros de variação de linguagem encontram-se no léxico, é também um encontro fundamental entre a língua-I (conjunto de conhecimentos cognitivos) língua-E (a língua como fenômeno sociocultural) e conhecimentos não linguísticos.

Assim, sabendo que o componente lexical contém informações fundamentais que serão repassadas para outros componentes e que devem obedecer a regras, ou seja, atender as interfaces, articulatório-perceptual e conceito-intencional, pode-se questionar sobre o espaço do neologismo, raramente citado na teoria gerativista, este deveria atender às exigências das interfaces, caso contrário não seria capaz de satisfazer o sistema linguístico? Um exemplo que pode ser levado em consideração é as construções realizadas pelo Príncipe Ouro Negro, membro mais ativo na dupla Os Namayer e no canal Rei do Kuduro:

1)Voaida

2)aniverseirio

Em 1) há uma alteração morfológica e fonética na forma lexical vida, porém essa alteração não implica em uma mudança semântica, o mesmo acontece com o exemplo 2). A questão que fica é: essas alterações seriam capazes de causar agramaticalidade, ferindo as interfaces? Uma possível resposta para a questão posta é que a construção citada atende a um evento comunicativo específico, sendo este ainda não lexicalizado, ou seja, não foi memorizado pelos usuários que utilizam de tal construção de forma que se torne um dado natural, em outras palavras, que seja dicionarizado. Com isso, os empregos linguísticos realizados pelo Príncipe Ouro Negro perpassam pelo princípio da criatividade<sup>8</sup>, mas que ainda assim, não violam as estruturas previstas da língua, como o padrão silábico do português, considerado por alguns autores como Câmara Jr. (1977) e Bisol (1999) como

<sup>8</sup> “The conscious use of unproductive word formation processes to form new words that are often perceived as humorous, annoying, or otherwise worthy of note”. (LIEBER, 2016, p.204)



peça chave para os processos fonológicos e fonotáticos da fala. De todo modo, não é um dado de ordem natural da língua e caso seja lexicalizado, deixando de ser um fenômeno neológico, deverá cumprir com as exigências das interfaces e fornecer informações para o sistema computacional.

## Neologismo na perspectiva sociolinguística

Dando ênfase a teoria Sociolinguística Variacionista que surgiu a partir da segunda metade do século XX, tendo seu início com o texto de Herzog, Labov e Weinreich (1968) que, entre outras questões, postulou a noção de heterogeneidade sistemática, na qual a comunidade de fala seria o principal foco de estudo. Assim, considera-se que a variação é inerente a todo processo linguístico, não sendo aleatória, mas comandada por restrições linguísticas e não linguísticas o que abre caminhos para a possibilidade de sistematizar a variação existente e própria da língua.

Nesse sentido, ao relacionar o conhecimento do léxico, e refletir sobre a ideia entre léxico do português e os neologismos do *kudoairo*, percebe-se a importância do seu espalhamento na evolução da língua, chegando ao ponto de os falantes do português brasileiro entenderem essa língua. Desse modo, essa definição é demasiadamente abrangente, evitando que sejam percebidas especificidades que são relevantes para compreensão de como os diversos grupos sociais criam e também fazem o uso dos neologismos. Dessa maneira, como demonstrado por Labov (2008), os padrões linguísticos são sensíveis a diferenças sociais como gênero, faixa etária, classe social, escolaridade, dentre outros. Logo, consideramos que os padrões linguísticos de formação de palavras também são sensíveis aos fatores sociais.

Quando se faz a relação de língua e sociedade, Carvalho (2012, p. 171) diz que “a língua é um fato social, concretizando uma maneira peculiar de ver o mundo de cada comunidade”. Portanto, quando se faz relação com o *kudoairo* pela perspectiva da sociolinguística, ou seja, ela considera não só a estrutura do neologismo, como processo linguístico semântico e formas, porém sua implicatura referente ao seu uso em um



determinado ambiente. Ainda é importante ressaltar o uso de neologismos que circulam entre este grupo de forma parecida, aparentemente, identificados como um processo de identificação, como uma possível marca estilística, além da similaridade temática.

Também, por meio do léxico, a língua é dinâmica e processual, isto é, tende à transformação e acompanha as práticas sociais. Assim, as mudanças que acontecem na língua são consequências sociolinguísticas, que se dão de forma organizada e sistematizada (LABOV, 2008 [1972]). Essas consequências geram outras consequências, porque vão se configurar como traços linguísticos de um grupo social que se identificam por meio, também, de semelhanças na escolha de determinados usos.

Desse modo, a teoria da variação estuda a mudança da língua no contexto social, partindo do pressuposto de que a língua é heterogênea, existindo, portanto, variedades linguísticas que ocorrem devido a um grupo de fatores sociais. Exatamente porque o modelo Laboviano comprehende que fatores sociais podem condicionar ou não a predominância das variedades linguísticas, é que Tarallo (1998, p. 6) define a sociolinguística como um modelo teórico-metodológico que estuda a “desordem” existente na língua atentado para o lado social da linguagem:

A teoria da variação linguística trata-se de um modelo teórico-metodológico que assume o “caos” linguístico como objeto de estudo. Como esse modelo, por princípio, não admite a existência de uma ciência da linguagem que não seja social. (TARALLO, 1998, p. 06)

Para Labov (2008), a variação não ocorre ao acaso, ela é motivada por um conjunto complexo de parâmetros, por condicionamento ou variáveis que favorecem ou inibem o emprego de variantes. É possível perceber que as variáveis são de natureza diversificada e não acontecem de forma isolada. Dessa forma, as marcas linguísticas sujeitas à variação dependem da ação das variáveis estruturais, sociais. Para Tarallo (1998), as variantes são diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade. O conjunto das variantes recebe o nome de variável linguística. Sobre isso, Santos (2009, p.68) esclarece que graças à heterogeneidade há distinção no modo de comunicar-se das comunidades de fala:



A Sociolinguística estuda a língua em uso em uma comunidade linguística. Essa língua é heterogênea, ou seja, não é falada da mesma forma por todos os membros da comunidade. Cada comunidade de fala possui características linguísticas que a distingue das outras. (SANTOS, 2009, p.68)

Em qualquer comunidade de fala, independentemente de seu tamanho, há uma variação considerável entre os indivíduos. Desse modo, os estudos sociolinguísticos variacionistas visam à descrição estatisticamente fundamentada de um fenômeno variável, tendo como objetivo analisar, apreender e sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala. Nesse sentido, vale ressaltar que a intenção dessa teoria certamente é a de que a parte social interfere no que se diz ser interno à língua, ou seja, o próprio sistema linguístico do falante pode sentir alterações de variáveis sociais.

É importante frisar que Labov, como aponta Severo (2004), não separa a definição de língua do ambiente social e nem da função comunicativa atribuída a ela, ou seja, a língua, enquanto estrutura, precisa ser estudada em uso real, na comunicação, tendo em consideração seus principais níveis, tais como fonologia, morfologia, sintaxe e léxico, atentando-se com as regras presentes no interior do sistema da língua.

## Considerações Finais

A “língua do *kudoairo*” é um conjunto de neologismos que tem sido difundido graças a mídias como o YouTube, e o grau de significação pode se dar quer pelo português em estrutura *macro* (isto é, as criações neológicas aparecem pontualmente), quer pela semelhança com palavras do português, visto que estas criações são na verdade alterações no nível fonológico ou morfológico das palavras, como os dados apresentados anteriormente. Nesse sentido, compreendemos o neologismo presente no *kudoairo* de acordo com a classificação dada por Biderman (1978) como de cunho formal, sem expansão de significado nos vocábulos em questão. Marca ainda um pertencimento de



grupo, um idioleto que traz por si questões culturais, identitárias etc., o que reforça o caráter identitário do kuduro em Angola.

A reflexão do fenômeno que envolve o *kudoairo* em diferentes correntes linguísticas permitiu a compreensão de que no estruturalismo, as criações neológicas costumam ser licenciadas como signo linguístico quando o falante do português processa as sentenças – e não apenas os neologismos em si – em contexto *macro*, visto que há a presença sinérgica do português em face do *kudoairo*. No entanto, a plenitude deste significante não é via de regra, dado que por vezes, os falantes do português têm dificuldade para compreender os neologismos e comentam sobre um possível uso de legendas.

O gerativismo não trata muito sobre o tema neologismo, no entanto, podemos levar em consideração o fato de que as transformações são em boa parte licenciadas no léxico da língua que por sua vez leva informações para o sistema computacional e as interfaces, devendo, pois, essas criações atender ao padrão mínimo posto pela própria língua, como o padrão silábico. Além disso, é destacável, muitas das vezes, uma necessidade de um *input* anterior para que o vocábulo em questão seja compreendido pelo ouvinte. Tal carência pode não ser precisa para outros ouvintes e isso pode denotar questões sociais, como o grau de escolaridade e a participação em redes sociais, o que nos encaminha para uma percepção sociolinguística.

Nesse sentido, a sociolinguística se interessa em estudar a relação entre língua e sociedade, evidencia a perceber as especificidades importantes para compreender como diferentes grupos sociais criam e fazem uso de neologismos, incluindo as normas culturais, expectativas e contexto, na maneira como a língua é utilizada em seu uso real, e os efeitos do uso da língua e sociedade. O neologismo na perspectiva sociolinguística não aparece aleatoriamente, por uma questão de estilo individual, mas ele marca um estilo da comunidade de prática como a do *kudoairo*.

Ademais, cabe destacar que o Príncipe Ouro Negro e o Presidente Gasolina – protagonistas do Rei do Kuduro – tendem ao que pode ser chamado como policiamento

reverso, dado que os neologismos do *kudoairo* não aparecem em falas aparentemente espontâneas (citar algum autor sobre a questão da entrevista e do policiamento do falante).

## Referências

- ALISCH, S.; MAIER, C.J. The sound of Afrofuturism. In: GUNKEL, H.; LYNCH, K (eds.). **We travel the space ways: Black Imagination, Fragments, and Diffractions.** Bielefeld: transcript, 2019.
- ALVES, I. M. **Neologismo:** criação lexical. São Paulo: Ática, 1994.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa.** 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria Linguística.** Rio de Janeiro: LTC Editora, 1978.
- BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. M. (org.). **Gramática do português falado.** v7: Novos Estudos. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999, p. 701-742.
- CÂMARA Jr., J. M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa.** 2<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- CARVALHO, N. M. Ato e fato social e linguístico: neologismo. In: DA SILVA, J. P. (org.). **Neologia e neologismos no Brasil – século XXI.** 2 ed., Curitiba: Primas, 2012a.
- CORREIA, M.; ALMEIDA, G. M. B. **Neologia em português.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- FERREIRA, P. **Neologismos e processos lexicais criativos:** a produtividade lexical sob a ótica da linguística cognitiva e gerativa (Dissertação de mestrado). Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2021.
- I LOVE KUDURO. OS NAMAYER. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=poqhK25RJPQ>>. Acesso: 9 jul 2022.
- KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa.** São Paulo: Contexto, 2013.
- LABOV, W. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. In: **Language Variation and Change.** USA: Cambridge University, 1990.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008.
- LYONS, J. **Lingua(gem) e linguística: uma introdução.** Tradução: Marilda Winkler Averbarg, Clarice Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2018.
- MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Influência da fala na alfabetização.** São Paulo: Templo Brasileiro, 1998.
- ROCHA, L. C. A. **Estruturas morfológicas do português.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.



- ROSA, M. C. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2000.
- SANTOS, R. L. A. **A metodologia da pesquisa em sociolinguística variacionista**. Revista Espaço Acadêmico, nº 97, junho de 2009.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SEVERO, C. G. **O lugar do indivíduo na teoria laboviana**. Revista Lingua(gem). Macapá, vol. 1, nº 02, 2004.
- SHERIDAN, G. Fruity batidas: the technologies and aesthetics of kuduro. In: **Dancecult: Journal of Electronic Dance Music Culture**, n. 6, vol. 1, p. 83-96, 2014.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1998.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; & HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

---

Recebido em: 21/12/2022 | Aprovado em: 26/08/2023  
Publicado em: 12/07/2025

---